



AS IMAGENS SUSPENSAS

Prof. Ms. Claudia Leão¹

<http://lattes.cnpq.br/3091200390689592>

RESUMO – Esta pesquisa investiga as memórias e as reminiscências das fotografias guardadas por senhoras de um asilo em São Paulo. Com este trabalho quero verificar a extensão dos vínculos comunicacionais e do sentimento de *pertença* entre as *imagens suspensas* e as fotografias que detêm uma memória. Minha busca propõe ainda fazer um mapeamento dos caminhos que essas imagens percorrem para se constituírem como saudades.

PALAVRAS-CHAVE – Imagens, fotografia, memória e saudade.

ABSTRACT – The aim of this search is to investigate memories and reminiscences through old photographs kept by ladies who live in an asylum located at the city of São Paulo. In this work I want to analyze the extension of the communicational links held by the feeling of property among such "suspending" images and the photographs, which keep a memory itself. My purpose is to map the ways by which such images go through in order to constitute the called *nostalgia* [saudades].

KEYWORDS – Image, photography, memory and nostalgia [saudade].

48

As fotografias são táteis, mas as imagens estão suspensas²

A superfície da imagem fotográfica é real e possível de aproximação, por isso é tátil. Está ali, substituindo a ausência. A fotografia possui mais que uma realidade, uma irrealidade que é imanente a ela, pois é a que encobre e descobre, estende e encurta uma *verdade* dos fatos que estão ali inscritos. Não mostra por inteiro o que está por trás de uma fotografia colecionada dentro de um álbum de família ou mesmo das imagens feitas a

¹ Fotógrafa e Professora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Doutoranda do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

² Este trabalho é parte da dissertação "Imagens Suspensas: a (re) constituição comunicacional da solidão e das lembranças de mulheres idosas esquecidas nos asilos" defendida em abril de 2003, no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP. O conceito de *Imagem suspensas* é vinculado a imagens da lembrança (fotográficas ou não) que são subtraídas ou negadas durante períodos, mas que ao longo da vida surgem, especialmente no crepúsculo, durante a noite como sonhos, visões ou sentimentos que estão no território da impossibilidade.



esmo, durante uma viagem, ou um passeio no parque, na praça, onde todos parecem tão felizes.

Assim, a fotografia *deixa de revelar* os conflitos e a complexa e imbricada estrutura familiar, constituída também dos desentendimentos, da falta de contato físico entre parentes; do desafeto; da violência dos pais; das brigas de casal; concorrência entre irmãos, enfim. Naquela imagem fica somente o registro de poses felizes feitas para aquela fotografia.

Para entrar no campo das imagens táteis, devo entrar na permeabilidade das imagens fotográficas que ficaram e que não estão mais onde poderiam estar. As fotografias pertencentes aos álbuns se encadeiam numa narratividade paralela, constituindo histórias de uma vida, de um tempo sobreposto àquele impresso no papel. Essa imagem poderia, até certo momento, ser um evocador, ter a possibilidade de sentir ou ser a presença de quem “está” ali e com isso permitiria àquele que a observa recuar no tempo e sentir o prazer de uma breve recordação, vinda ao coração por meio das imagens procuradas e achadas-perdidas, desencontradas entre tanto tempo, entre pequenas coisas.

Ainda assim, guardamos o hábito de carregar uma fotografia para fazer presente aquela coisa ou aquela pessoa para que, de algum modo, possa estar próximo dela, e fazendo da fotografia a própria pessoa presente ali, impregnada de todos sentidos³. Essa proximidade material ajuda a lembrar, em parte substitui, sem deixar de ser (nem a coisa, nem a imagem). Esse modo de presentificar deve-se ao fato de que dentre as técnicas de captura de imagem (vídeo, cinema, imagem digital, necessitam de aparelhos que transcodifiquem a imagem para o suporte), a fotografia é tátil por excelência, ela é gerada para ter materialidade na sua origem e sobre ela podem passear, com proximidade, as mãos e os olhos.

Roland Barthes, acerca desse acontecimento, coloca a fotografia justamente nessa condição, quando diz que o passado passa a ser tão presente quanto o que vê no papel fotográfico, quanto ao que se vem tocar. Essa corporeidade da fotografia faz ela ser o que

³ A significação que uma fotografia adquire depende do sentido que ela passa a ter, quando a imagem passa a ser a verdadeira substituição da perda. Desse modo, uma fotografia ganha uma condição quase que viva. Em “Uma fotografia desbotada – Atitudes e rituais de luto e objeto fotográfico”, o autor relata o caso de uma mãe que, depois da perda de seu filho, passa a trazer consigo uma fotografia do garoto, guardada em seu peito. No seu depoimento, ela relata: E ficava olhando o retratinho dele. A foto não saía da minha mão, do meu olhar. Às vezes, eu a guardava no meu peito, como se ele na foto, fosse de fato ele. Não sei dizer, nem o que você vai achar, mas acho que a foto terminou pra mim virando meu filho”. (KOURY, 2002, p. 57)



é: o real e o irreal num limite muito tênue e, mais ainda, porque é possível tocar essa imagem.

No âmbito da *segunda realidade*, essas imagens passam a ter outro sentido, são fotografias que presentificam, que trazem lembranças e guardam as dores da ausência, convertidas em saudade. Por isso, faz-se necessário trazer as imagens a sua suspensão, porque estão afastadas dessas mulheres recolhidas no asilo.

Nesse campo, entre a imagem fotográfica e a realidade do acontecimento, as coisas passam a se confundir, ou melhor, fundem-se, uma vez que vão sendo constituídas as histórias, atados os laços que as prendem ao passado. As duas maneiras de lembrar doem. Uma, pelo que está ausente do circuito familiar e, a outra, pela presença das mulheres num lugar de ausência: o asilo.

Porém, a extensão das lembranças são bem maiores na velhice. Esse tempo é quando tem-se a possibilidade de absorver dois tipos de memória: a de curto e a de longo prazo. James Hillman considera esse fato “um dos efeitos mais notáveis desse momento da vida”. Essa divisão entre as duas memórias faz-se uma vez que a capacidade de retenção da memória de curto prazo ou de acontecimentos recentes vai se atrofiando. São esquecidas datas recentes; um remédio a tomar; um rosto novo; um livro em cima de algum lugar, o que fazer, o que lembrar, o que esquecer.

Por outro lado, a memória de longo prazo vai ficando mais apurada, pois lembrar se torna um dos hábitos mais banais e mais presentes, sedimentando o que ficou para trás: lembram-se do amigo que morava na rua quando eram crianças; do quarto da casa que habitaram; do caminho que percorriam para a missa do domingo; da cor dos sapatos da escola; da beleza da mãe que já morreu; de um olhar; dos cheiros; de sentimentos, enfim, as coisas retornam, sempre retornam por mais afastadas que estejam.

A conectividade entre as novas e velhas experiências (entre a memória curta e a memória longa) só ocorre ou faz sentido, quando se entrecruzam, formando novamente um entrecruzamento entre imagens interiores e exteriores, ou seja, quando o acontecimento recente age como evocador, iniciando o processo de relembrar. É que para (re)significarem esses elos precisam ser atados.

Nesse período, o idoso passa a rever, a sua vida, refazer caminhos, a vasculhar, a procurar alguns pedaços para, então, imaginar e passar a existir dentro do circuito de lembranças e mais lembranças que se formam. E o que é o ato de lembrar, senão um ato imaginativo criativo inserido na *segunda realidade*? Sem esse ato compensatório não seria



possível viver, porque são essas histórias que constituem a vida, o mundo precisa significar para atestar a sua existência. Existimos nesse mundo de coisas que significam, porque damos um rosto a elas, oferecemos sua *anima*. Assim, lembrar significa, pertencer.

Conforme escreveu Luria e Sacks, alterações no córtex frontal e visual, causam a perda prematura ou temporária da memória recente ou da experiência. Observaram isso nas chamadas síndromes de Karsacov e na de Anton⁴. Durante o tratamento são travados grandes embates para o retorno da memória, porém nem sempre vencidos. Nesse caso, lembrar e rememorar são ações sem profundidade, estanques e finitas. Assim, os portadores dessas síndromes vivem solitariamente dentro de um mundo com espaço e tempo próprio.

Na velhice, a perda da memória como as de outras perdas são reais. O tempo gera as perdas principalmente depois dos 50 anos, quando se inicia um retrocesso: o tamanho do cérebro começa a diminuir cerca de 2% a cada 10 anos. Elas atingem a área sensorial física e a área visual. Isso acontece por causa da atrofia da área motora do córtex frontal que, em declínio, perde entre 20% e 50% de sua capacidade.

Mas ao que se deve essa *vontade*, essa urgência de manter a memória longa tão extensa, tão viva e tão presente, uma vez que o corpo passa a ser o agente de tantas *irresponsabilidades* perceptíveis nas ações mais corriqueiras, não respeitando os comando mais simples? Segundo estudos neurológicos, isso ocorre porque:

As áreas intelectuais mais altas do córtex cerebral têm um grau significativamente menor de desaparecimento de células (...) pode ser até que os neurônios em menor número aumentem sua atividade (...) Pesquisas recentes sugerem que certos neurônios corticais parecem tornar-se mais abundantes depois da maturidade (...) as ramificações filamentosas (os dendritos) continuam a crescer em idosos saudáveis (...) os neurocientistas podem ter descobertos a fonte daquela sabedoria que,

⁴ As síndromes de Karsacov e de Anton, estudadas pelos neurologistas Alexander Luria e Oliver Sacks são agnosias da memória ou da experiência. O paciente portador destas síndromes adquiridas por acidente ou pela atrofia do cérebro passa, a viver num mundo isolado e de acontecimento restrito, pois só é retida a memória retrógrada ou o que seria parte da memória longa. Ambas hoje são pouco estudadas, ainda que a primeira tenha sido descoberta na década de 80 do século XIX. É o caso da Síndrome da Karsacov narrada por Oliver Sacks, em *O Homem que confundiu a mulher com um Chapéu*, onde ele conta a história de *Um marinheiro perdido* que só mantém a memória anterior a 1945. Quando se recorda, o restante é desconectado do tempo do acontecimento. Para estudar o caso deste marinheiro, Sacks escreveu para Luria lhe perguntando o que deveria fazer nesse caso, uma vez que eram poucas as esperanças de recuperação, e Luria lhe respondeu: “mas um homem não consiste apenas de memória. Ele tem sentimentos, vontade, sensibilidade, existência moral (...)”. No entanto, quem não tem memória não tem apego, não consegue guardar, nem muitas vezes a sua própria existência.



gostamos de pensar, podemos acumular coma idade avançada. (apud, HILLMAN, 2001, p. 115)

Na verdade, o valor do envelhecimento deveria estar ligado àquele que detém um acervo de experiência, de vivência, de sabedoria, por causa da sua história que é também a história de outros. Esse é o verdadeiro sentido de envelhecer. O velho é quem pode não deixar que a narratividade de nossas histórias se extinga. Outrora, a pessoa mais velha de um grupo era respeitada por sua condição de ancestralidade, pelas marcas que trazia no rosto, pelo que carregava sobre e sob a sua pele. Pois o tempo de vida de uma pessoa está impregnado da sua força, da sua fragilidade, da sua sabedoria, ou seja, daquilo que James Hillman chamou de a “força do caráter”.

Em algumas culturas, o geronticídio é autorizado legalmente, em outras, os velhos são mortos para antecipar o inadiável: a morte. Nas culturas “desenvolvidas”, o respeito ao velho se faz na via inversa dessa condição. Nesse caso, ninguém mais envelhece, as pessoas pensam ter poder para adiar a ação do tempo e tentam permanecer jovens ‘para sempre’⁵, visto que envelhecer é tornar-se feio, mal cheiroso, morto, vagaroso, decrépito, esquecido, caído, caduco. Depreciar uma pessoa mais velha virou uma atitude corriqueira. Uma das conseqüências mais visíveis desse estado é perceber a sua insignificância, vendo-as em restos humanos, dignos apenas de maus-tratos seguidos, muitas vezes, de violência e morte.⁶

Com a perda da memória de curto prazo, a mente idosa abre espaço à repetição. Não se lembram dos acontecimentos recentes como, contar a mesma história, fazer a mesma pergunta diversas vezes, retornando a uma rememoração constante, irritando o adulto que não suporta ouvir de novo.

⁵ As mais avançadas tecnologias prometem a fonte da juventude, mas chegam somente a transformar um corpo humano num corpo de boneco, plastificado pelo silicone e endurecido pelas inúmeras aplicações de botóx e de outras drogas para esse fim. Assim, o envelhecimento é adiado, criando uma geração que Cyrulnik chamou de “adulto juvenis que darão belos anciãos”. (1995: 192)

⁶ Segundo James Hillman “Os maus-tratos a idosos tornaram-se uma síndrome disseminada nos Estados Unidos. (...) Em geral nos Estados Unidos odiamos envelhecer e odiamos os idosos por personificarem o envelhecimento”. (46:2001)

Em São Paulo, um senhor idoso foi encontrado preso em um quarto imundo vivendo no meio de lixo (noticiário de televisão. Outubro de 2002);

Uma senhora de 92 anos morreu, vítima de traumatismo craniano, 48 horas depois de ser espancada por sua dama de companhia. A sua morte foi filmada pelos seus filhos, que para provar que a mão estava sendo espancada, a expuseram pela última vez. (noticiário de televisão. Novembro/2002).



Alguns consideram a repetição tanto no idoso quanto na criança enfadonha. Não entendem porquê as histórias precisam ser tantas vezes recontadas. Esse argumento é equivocado, visto que a repetição é um componente essencial para imaginação. É ela que junta a criança e o velho. No caso da criança, ela precisa disso para criar seus vínculos, suas significações para um mundo cheio de tantas possibilidades. Segundo Walter Benjamin, a repetição é a grande lei que rege o mundo e que para a criança é a “essência da brincadeira”. O que lhe confere prazer de “brincar outra vez”⁷, não porque está repetindo, mas por estar fazendo de novo, pois refazer é um ato criativo. Além do mais, a tradição oral é mantida pela repetição das histórias transmitidas ao longo das gerações.

É nessa condição de relembrar as ações ao longo da história ou das que devem ficar perdidas, porque causaram algum infortúnio, que a memória longa impede esse apagamento das lembranças difíceis, parecendo que a perda do contato é capaz de acalantar uma dor. Porém, essa não parece ser a melhor saída, o que está *suspense* é trazido como lembrança corporal de uma vivência indivisível do corpo que as possui. Por mais que a ação de lembrar se faça aos pedaços, como se cada imagem fosse um fotograma, em algum momento elas se juntam e retornam, criando uma nova narrativa que não se apaga, que não se desfaz. Pois os únicos desvios que conduzem ao caminho do apagamento é o esquecimento, chamado por James Hillman de “maravilha da mente humana”. O outro é a morte.

Ainda assim, as lembranças permanecem suspensas, escondidas dentro de um corpo que hesita em lembrar, por mais que elas estejam ali prestes a entrar, a cruzar com acontecimentos que, de algum modo, voltam a evocá-las. Assim, mesmo que as fotografias tenham sido rasgadas, perdidas, desconstruídas, quanto mais longe dessa memória tátil, mais próximas as lembranças ficam delas, vindo tocá-las à noite por meio dos sonhos. E o que é a fotografia senão “uma imagem mental do mundo(...) cuja a impressão sobre o papel seria apenas um fenômeno secundário” (apud, LEITE, 1998: 38). Isto é o que afirma o fotógrafo esloveno e cego Evgen Bavcar. A materialidade da fotografia é um fato, mas é também a materialidade das nossas lembranças que delimita a existência física de cada um de nós.

⁷ Para Walter Benjamin, a “raiz mais profunda do duplo sentido da palavra alemã *spielen* (brincar e representar): repetir o mesmo seria seu elemento comum. A essência da representação, como da brincadeira, não é “fazer como se”, mas “fazer sempre de novo”. (1993: 253)



Nesse período, da vida as recordações mais distantes retornam de sua suspensão. Precisam ser revistas, revisitadas. Estão enterradas para serem escavadas, rasgadas para serem abertas as fendas que separam o lembrar do esquecer. O passado retorna forte e fático, tomando o lugar do presente, e não há escolha, pois ele está ali. Quando o passado se ausenta, o presente vem como uma cortina de fumaça, tentando encobrir as dores inapagáveis. Dona Lina sempre retorna à imagem de sua mãe, sempre sonha com ela, sempre tem muitas saudades dela. Todas às vezes que conversamos, sua mãe sempre esteve presente em algum lugar, em algum sonho. A sua falta é pela ausência de alguém que ela não tem, de alguém que pudesse cuidar dela até à morte, porque ela foi assim com a mãe, por isso dona Léa sempre volta. Quando perguntei como havia sido a sua primeira noite ali, ela me respondeu: “eu não dormi bem. Passei a noite sem sono, acordei no meio da madrugada... sonhava com minha mãe... tenho muitas saudades dela, muitas. Eu cuidei dela até o dia da sua morte. Se tivesse tido uma filha, acho que teria sido diferente, ou não...”

Benjamin, acerca do ato de escavar e de recordar, entra no campo da necessidade de presentificar o passado por mais distante que permaneça, porque o passado em ruínas sempre retorna assim próximo, ele fica para ser escavado, rasgado, descoberto:

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos do nosso entendimento tardio (...) uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra (...) (BENJAMIN, 1993, p. 239)

Mesmo que seja aos 80 ou aos 90 anos, a vida é revista. Para essas mulheres têm que haver sentido em revolver as imagens para si mesmas. As ausências solicitam essa atitude. Elas, solitárias, esquecidas nos asilos, alimentam-se de suas próprias histórias, engolem suas vísceras reminiscentes, escondem seus segredos mais graves e transitam alheias conduzidas pela esperança do fim.



A fotografia, a morte, o sonho

Não há como falar de fotografia sem encadeá-la à morte, já que ver fotografias é ter oportunidade de fazer “o regresso do morto”. Essa é uma afirmação que faz Roland Barthes em *A Câmara Clara*. Esse processo de mortificação é iniciado desde o momento em que nos preparamos para fazer uma fotografia, onde o olho, por meio de um aparato ótico, faz a sua mira e atira, quem está no lado oposto sabe que aquilo “nunca mais será esquecido”. E, na posição de fotografado, Barthes narrou de que modo se colocava diante da máquina: “preparo-me para pose, fabrico instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em uma outra imagem. Esta transformação é ativa, cria o meu corpo ou o modifica a seu bel-prazer” (BARTHES, 1980 :24). Flusser considera o gesto de fotografar próximo ao ‘gesto da caçar’. É como se esse gesto fizesse do “aparelho⁸” e do fotógrafo uma unidade, onde um é para outro em um mesmo corpo de ação contínua.

A imagem fotográfica tem seu vínculo com a morte, que é o *eidolon*, palavra grega, cujo significado é fantasma, reflexo, duplo, imagem, sombra, é morte, réplica do que está morto. *Eidolon*, deriva de *eidos* que significa ‘aspecto, forma’. No indo-europeu é *weid* e significa ‘ver’. Uma fotografia é feita da junção da luz e da obscuridade das sombras. No latim, sombra é *umbra*; *sulumbra* (*sub illa umbra* no latim vulgar) que significa ‘a que é feita de espaço sem luz’. É de um espaço escurecido pela interposição de um corpo que faz a imagem da própria imagem das coisas ou de um corpo que está ali se opondo à luz, é sombra. Essa duplicação cria imagens mutantes, de acordo com a forma como a luz foi posicionada, projetada sobre este corpo. São sombras irreais, fantasmas, duplo, imagem, fotografia, *eidolon*.

Rever fotografia é um ritual onde o passado é visitado. As fotografias podem ser vistas uma a uma se estiverem coladas em álbuns, espalhadas sobre a cama ou sobre mesa, ou pregadas na parede, onde podem ser tocadas de maneira aleatória. Outras são recortadas, porque se quer tirar alguém que não *deveria* estar ali. É que os fantasmas do passado sempre retornam. No entanto, este ato só tem sentido, quando, evidentemente, existem fotografias para serem (re)vistas, pois ali está guardados para si um corpo de

⁸ Vilém Flusser criou um glossário para estender o sentido de algumas palavras. No livro *Filosofia da Caixa Preta*, aparelho, por exemplo, significa brinquedo que simula um tipo de pensamento e aparelho fotográfico tem o sentido de brinquedo que traduz pensamento conceitual em fotografia. (1985, p. 9)



acontecimentos antecedentes e, nessa condição, uma fotografia “repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”(BARTHES, 1980: 17).

No território da intimidade, circunda uma fotografia que tem um outro tipo de significação, uma outra a importância. Seu valor é por aquilo que ela representa, uma vez que sua existência é restrita e seu valor afetivo é contado por outro tipo de moeda. Desse modo, o ato de (re)ver fotografia pode ser, para alguns, extremamente prazeroso. É motivo para (re)lembrar, para (re)viver. Para outros, é um ato extremamente doloroso, difícil, são imagens que abrem feridas, tocam em dores, guardam mágoas e ressentimentos, são imagens para esquecer. Nesse caso: “recordar não é viver. É sofrer. Eu sofro muito. Um dia estava vendo uma fotografia. Todos já tinham morrido. Menos três. Esses não sei que fim levaram”⁹. Essas são imagens que possivelmente não sobreviverão. É muito provável que desapareçam para sempre do campo de significação, porque são destituídas da função de testemunho de acontecimentos. O que ficou gravado sobre o papel está propenso a morrer, assim como todas as lembranças que, por algum motivo, partam das fotografias. Essas imagens deverão ganhar um outro sentido e o seu valor será contado pelas moedas que só o dinheiro pode comprar.

56

A função do testemunho dota a imagem de sentimento, de pertencimento. Esse trabalho teria um outro sentido, caso eu trouxesse fotografias para ele, porque as fotografias de cada uma das mulheres com que conversei teriam valor afetivo somente para elas, não para mim nem para o leitor, pois não fazemos parte daquele universo. Nessa situação, o valor da fotografia seria outro. Seriam apenas imagens anônimas que ilustrariam e talvez nos ajudariam a entender as lembranças de pessoas com a qual não tivemos qualquer vínculo.

Todas as nossas imagens só existem realmente para nós que sabemos da sua origem e da sua história, caso contrário, elas não passam de imagens sem valor afetivo. Roland Barthes registrou uma experiência nesse sentido. Depois da morte da sua mãe, a quem teve um grande amor, ele procurou uma fotografia que a trouxesse de volta como sempre conseguiu vê-la. Disse, então: “procurava a verdade do rosto que eu amara”. Ele buscava a essência da natureza de uma imagem além do papel. A esse sentido, a essa procura, onde contemplava cada uma das imagens, chamou “romanticamente de amor e

⁹ Depoimento de Vicente Amorim, 97 anos, para a matéria “A suave subversão da velhice”. Seu Vicente é filho do ex-ministro Celso Amorim, mora na casa São Luiz para a Velhice, no Rio de Janeiro. (Revista Época nº 188, 24 de dezembro de 2001. pp. 82 a 99)



de morte”. Ele encontra a fotografia que procurava no meio das tantas outras, mas esta foi a única imagem que não mostrou no seu livro *A Câmara Clara*, e explicou o porquê:

não posso mostrar a Foto do Jardim de Inverno. Ela só existe para mim. Para vós não seria mais que uma foto indiferente, uma das mil manifestações do “qualquer”. Ela não pode constituir em nada o objetivo de uma ciência; não pode criar uma objetividade, no sentido positivo do termo. Quando muito, interessaria ao vosso *studium* : época, vestuário, mas nela não há para vós qualquer ferida.

É a esse sentido de morte, da morte das fotografias, que venho me referindo desde o início deste trabalho. São imagens de despertencimento. Estamos carentes de imagens, de nossas próprias imagens feitas de “amor e de morte”. De imagens que só existem para cada um de nós dentro das suas minuciosas desimportâncias, uma vez que são essas imagens que constituem os nossos nós, elos, vínculos. A ação de fotografar para guardar se perde no meio de uma proliferação de imagens, adquiridas com a condição precedente de que serão apagadas para que possam desocupar o espaço no disco rígido. São imagens para serem armazenadas em suporte digital e não mais em álbuns, no meio de um livro, dentro de uma carteira.

57

O outro sentido da morte está ligado à morte do corpo. Dessa sabemos que é a nossa perda mais grave, uma experiência individual e solitária, assim como o nascimento. A nossa condição de vivos é saber-nos mortos. O princípio da condição humana é esse e o meio deste caminho se bifurcará em duas vias: envelhecer e morrer. Poderíamos até nos desviar de um para antecipar o outro, mas morrer é a nossa maior certeza. O sentimento humano da morte nos conduz à idéia da eternidade que sempre se alimentou da morte para sobreviver. Por isso deixamos marcas, fazemos inscrições, para significar, trocar, guardar, comunicar e vincular.

Sabemos também que envelhecer é o caminho mais provável ou natural para morrer. Segundo Edgar Morin, envelhecer está na “vanguarda” e também este é o meio de conhecer a morte. Ao envelhecer, nos preparemos para morrer, muitas vezes passando da condição de velho a moribundo e, nesse estado, à lenta decadência corporal que é implacável. Edgar Morin em seu livro *O homem e a Morte* afirma que o homem, ao se relacionar com a morte como um fato traumatizante, tem que se deparar também com o distanciamento existente entre a consciência da morte e a aspiração pela imortalidade.



Mas o que se coloca a sua frente é a realidade inexorável do apodrecimento de sua carne, do seu corpo, que virá a ser um cadáver.

O fim será trágico, dolorido, funesto, porque morremos, de algum modo morreremos. Mas de que morreremos? O mestre da dança moderna japonesa Kazuo Ohno diz que nosso corpo é carregado de mortes que se sucedem ao longo da vida. No caso dessas mulheres, elas morrem bem antes da morte de seus corpos, pois não significam mais em vida, suas existências são sem importância, embora estejam vivas. Foram excluídas de uma vida social e afetiva, restrita aos portões do abrigo. Elas recebem visitas de familiares, das amigas que não se esquecem delas, das madrinhas que cada uma possui, das pessoas da comunidade que sempre as ampararam, das crianças da creche ao lado que fazem suas visitas semanalmente, dos adolescentes de uma escola próxima dali, mas nada disso faz com que superem as dores dessa solidão em vida. Para sobreviverem, matam o passado. O presente é destituído de sua função, passando à condição de esquecido. Elas destroem fotografias, cortam os vínculos com a família, ‘acatam’ a condição em que se encontram, porque foram para o asilo porque “quiseram”. Não havia espaço para algumas dessas mulheres na casa dos filhos. Inclusive, um deles, “nem soube” que mãe havia ido para lá. Por isso, estão ali, porque “quiseram”. Suas vontades são “próprias”, nesse caso: as idades variam de 80 a 97 anos. Não saem mais sozinhas. Algumas estão deitadas em camas sem poderem se levantar, mas estão ali porque “querem”. Na verdades de que tipo de escolha falam as famílias ?

Na opinião de Norbert Elias, a “admissão em um asilo normalmente significa não só a ruptura definitiva dos velhos laços afetivos, mas também a vida comunitária com pessoas com quem o idoso nunca teve relações afetivas (...) ao mesmo tempo a separação dos idosos da vida normal e sua reunião com estranhos significa solidão para o indivíduo(...) Muitos asilos são, portanto, desertos de solidão” (ELIAS, 2001: 86). Isso significa que os laços afetivos, os valores, o afeto, o contato, o amor são insubstituíveis e o sentido de pertencimento foi invertido.

Todos nós, em algum momento da vida, nos sentimos sozinhos, pois de algum modo voltamos à nossa condição solitária da qual partimos quando nascemos. A solidão é um sentimento humano presente desde o nosso nascimento e nos acompanhará ao longo da vida até à nossa morte. Mas, durante a vida, a nossa procura é pelo inverso, tentamos nos desviar da solidão. De alguma maneira corremos e buscamos o outro para criar os



vínculos, para nos acompanhar, comunicar, amar, sofrer, chorar, rir, trocar. Somos nós que alimentamos os vínculos que criados durante a vida, numa tentativa de perdurar no tempo. No entanto, parece que, para elas, os elos atados entre morte e solidão são incólumes, permanecem firmes ou, talvez, nunca tenham sido feitos de outra maneira. Porém, o que não foi esperado é que no final da vida estivessem solitariamente vivendo aos pedaços, juntando o que restou, sem uma perspectiva decente. Elas chamam pelos que se foram, acreditando que ainda existam. Pensam nas horas que passam. As noites são perturbadas por tudo aquilo que não foi feito e retornam sempre às mesmas perguntas: o que sabiam acerca do futuro que não conseguiram prever? Como cada uma morrerá? O que houve de errado nessa vida? Qual foi o caminho que tomaram e que as levaram para lá? Em qual momento e por causa de quais escolhas feitas estão ali? Que solidão é essa que se apossou das suas vidas? Quem poderia cuidar delas? Quem na verdade se preocupa ou gosta delas? Quem estará junto com elas no momento da morte? As suas respostas são silenciosas e lacônicas. Dona Élide sempre fala muito pouco e uma vez me disse que estar ali faz com que ela pense sobre a sua vida: “a gente pensa no que a gente foi, cresceu, casou, teve as coisas e depois termina sozinha”. Dessa maneira, elas sabem o quanto dói terem sobrevivido à família.

59

Dona Anunciata é conhecida como Nona, tem 92 anos. Os traços de seu rosto marcam o quanto deve ter sido bonita na juventude. É descendente de italianos, nasceu na Grécia, fala cinco línguas. Ela veio para o Brasil com o marido durante a segunda guerra, estavam fugindo, pois trabalhavam com judeus. Teve dois filhos. O rapaz casou, mas depois foi embora, largou a família e ela. Passou, então, a morar com a nora que foi cuidadosa com ela, mas como a moça se casou de novo, a Nona foi levada para viver lá no asilo. A filha morava no Kuwait, mas agora está vivendo na Grécia. Elas se correspondem pelo menos duas vezes por mês. Como não consegue enxergar mais, a Nona faz os rabisco para a filha ler. A família que a adotou cuida das suas necessidades. Quando esteve doente, estiveram lá para dar assistência. Mas a Nona continua lá dentro. Fala pouco e anda sempre sozinha.

Em razão da insignificância dos nossos velhos é que “experimentamos” um outro tipo de morte. Somos, desde o início, guardiões de nossas existências passadas, presentes e futuras. Trazemos em nossa carne a condição de comunicadores, de transmissores, de contaminadores de todas as coisas que olhamos e que tocamos. Tradição é a transmissão de valores, conhecimento, recordações, memórias, contatos físicos, comunicação por



aproximação. Neste campo, a obscuridade habita onde estão as nossas histórias. Jazem dentro dos asilos. Com os raros contatos que são mantidos com suas famílias, só pode restar a essas mulheres, ou aos velhos que estão sendo depositados nesses lugares, a possibilidade de transmissão da herança biológica para um neto ou bisneto para serem reproduzidas num futuro distante. Pode ser a cor dos olhos, dos cabelos, da pele ou uma doença, enfim. Se não há território para trocas, não há convivência, não há contato, não há o que transmitir, o que comunicar. E o sentido de comunicar é unir, conceder, pôr em contato, transmitir por contágio, participar, fazer saber, compartilhar. Dona Gracinda sabe que sua neta é muito parecida com ela: “eu tenho uma neta de 24 anos, é a Carolina... está noiva, vai casar... ela é parecida comigo, é branca, tem o olho azul... é loirinha...” essa descrição poderia se alongar, ser mais profunda, mas lhe resta apenas fazer uma descrição superficial da aparência física da neta. Pela falta de contato, é bem provável que dona Gracinda não reconhecesse Carolina, caso a encontrasse na rua. O neto mais novo, ela, praticamente, acabou de conhecer. Foi no ano passado. Só que hoje ele tem 17 anos. Dona Élide ganhou uma bisneta, mas ainda não pode vê-la. Sabe apenas que seu nome é Ana Laura.

60

Na verdade, elas estão no asilo, mais seguras, porém confinadas. O que as mantém ali é a compaixão das pessoas da comunidade que não são da família. Ali dentro, elas sentem o asilo como se fosse a casa de cada uma, contudo, ali, é casa delas. Dividem o espaço com pessoas estranhas, restringiram seus pertences para caber num lugar só. A convivência não é fácil, mas atam novos laços. Dona Clarisse não tem ninguém por ela. É sozinha na vida, gosta de estar ali, mas quando falta o seu cigarro, reclama meio zangada, dizendo: “a vida é essa... viver nessa prisão sem nada...”

Os nossos velhos, cada vez mais, se calam, sentem-se humilhados, porque quem é novo, só sabe reclamar do seu vagar. As nossas histórias estão migrando, vão para lá junto com eles e cada vez mais carecemos de “histórias surpreendentes”, das nossas próprias histórias de experiências passadas. Walter Benjamin detectou esse fenômeno em seu maravilhoso ensaio “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Ali, ele já dizia que as ações da experiência estavam em baixa e que isso acarretaria a pobreza da experiência comunicacional, traduzida em uma nova forma de comunicação: a informação.



“dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em conseqüência não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessários primeiro saber narra a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação) O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – lado épico da verdade – está em extinção.” (1993: 205)

Os velhos partem para longe e a distância é a palavra de ordem. A expectativa de vida aumentou na mesma proporção que a distância entre as gerações se alargou. No entanto, o envelhecer é longínquo, é retardado.

A medicina corre enlouquecida para alcançar o tempo, mas não há como se distanciar dele, quando o passar dos anos chega, ele não perdoa. A velhice avança em uma progressão natural. Novos hábitos são adquiridos com a agilidade do olho, tudo se converte em informação que só tem importância enquanto é nova. O velho não tem mais valor ou serventia alguma.

61

Assim, a velhice parece distante, surge de lugar nenhum e, quando aparece, só o outro fica velho. É velho quem já está velho ou quem está ao lado: um vizinho, a avó de uma amiga, o pai do namorado, o tio da avó de um alguém qualquer. Ou seja, a velhice é do outro e pode, inclusive, ser uma doença. Mas não é minha. Isso atíça muito mais o embate entre a velho e o jovem. James Hillman pensa o nosso século como um tempo “acinzentado pelo envelhecimento de sua população. As nações desenvolvidas estão envelhecendo rapidamente; algumas sequer estão mantendo suas taxas de nascimento, à medida que aumenta a longevidade.” (HILLMAN, 2001: 18).

Para manter essa distância, o velho é conduzido a um asilo, onde, muitas vezes, a solidão e a depressão natural na velhice, antecipam a morte. Distante dos velhos, distante da morte, como se pudéssemos dela fugir, fazemos da sua “ausência” uma constante presença, porém distante. Desse modo, a morte parece ter uma outra face mais limpa, mais asséptica. Não anda mais pelos cômodos das casas, não habita moribunda um quarto, não espia faminta as crianças e os velhos. A morte foi aos poucos sendo transferida para dentro de hospitais, de asilos, de sanatórios. Assim, morrer ganhou um caráter silencioso, distante e solitário, longe dos olhos de quem está vivo. Mesmo que o significado seja outro:



Hoje, os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte e, quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros e sanatórios e hospitais. Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobre tudo sua existência – vivida – e dessa substância que são feitas as histórias - assumi pela primeira vez uma forma transmissível (BENJAMIN, 1993, p. 207)

Nas suas desimportâncias, elas continuam a vida no interior de uma casa. Lutam contra as suas dores, suas feridas. Estão confinadas, recolhidas e distantes de um mundo que as excluiu. Vivem do amor dos outros, se alimentam dos novos vínculos que ataram, da ajuda de amigos que ficaram, lutam vivas. Às vezes, a felicidade vem frágil, delicadamente através de um toque. Beijam as mãos das enfermeiras, agradecem por serem escutadas. E, de manhã, acordam para um novo dia.

O crepúsculo é triste, muito triste para elas. Ficam com medo do escurecer, ainda que a luzes estejam acesas. Nesse território, quem permanece lúcida sofre mais, sabe que foi deixada ali pela família. Tem a certeza plena de que foi esquecida, abandonada. A debilidade física encaminha-as para uma área que as apavora. Sabem que se converterão em restos humanos, a realidade dói nos seus corpos. As que perderam a memória, criaram um outro mundo para superar as próprias faltas e vivem na fantasia de uma infância e de uma juventude perdidas. Dizem que ali é uma casa que “poderia” ser a casa de qualquer uma. Às vezes, à noite, perdem-se nos corredores, sonhando que a encontraram.

Na condição de sonhadoras, essas mulheres se colocam diante de um futuro que não há se como desviar. A eternidade não é mais uma possibilidade, por enquanto está estagnada. Já não contam suas histórias, omitem suas vidas. Mesmos assim, criam outras imagens impregnadas de significação para poderem estar vivas e, em algum nível, superar as suas existências dentro do território da solidão. Desse modo, elas esperam por novos dias, mais bonitos, porque sonham:

Sonhar é produzir imagens, criar fantasias, especular sobre novos mundos, olhar para o invisível e ouvir o inaudível, vislumbrar as infinitas possibilidades da inventividade humana, engendrar histórias e, exercendo todas essas possibilidades, criar um sistema complexo chamado "cultura". (BAITELLO, 1997)¹⁰

¹⁰ www.cisc.org.br



Elas sonham todas as noites, sonham durante os dias, criam um mundo que elas habitam diferente da lógica de suas realidades, mas a realidade só está nessa condição porque é irreal. Dessa forma elas seguem sem saber como agüentam, sem saber como conseguem superar, sem saber porque ainda vivem. Talvez seja porque sonhem e acreditem nos seus sonhos, mesmo tendo a certeza de que nunca virão.

O que vale é lembrar ou o que vale e esquecer...

Esse trabalho não foi iniciado com a intenção de terminá-lo para explicar de onde partem e qual o fim têm as nossas reminiscências. Dietmar Kamper, com relação às imagens, provenientes das nossas lembranças supõe: “a imagem tem a finalidade de encobrir a ferida da qual os homens se originam. Porém, essa finalidade é inconversível. Toda falsa lembrança recorda também (...)” (*apud*, WULF, 2000). Desse modo, cada vez mais penso que não há o que concluir, porque as nossas lembranças, falsas ou verdadeiras irão conosco até a nossa morte, porque essa é a nossa única certeza, a nossa única verdade e, como disse Baudrillard, a cerca das certezas: “verdade absoluta é o outro nome que se dá para a morte” (*apud*, CONTRERA). Contudo, pela necessidade de continuar esse processo, devo fechar este ato, descrevendo um diálogo presenciado por mim, no dia 28 de outubro.

Desde quando comecei visitar o asilo, procurava por duas mulheres que diziam serem as mais melancólicas. Mas sempre nosso encontro era adiado, ou porque estavam separadas, ou porque estavam no meio das outras, o que me impedia de ouvi-las, falando de suas vidas. Mas, nessa tarde, havia estado no quarto de dona Luíza e quando saí, caminhei até o salão onde ficam muitos sofás (onde sempre estão todas sentadas umas ao lado da outra). Elas estavam lá, só elas duas e mais ninguém. Eu me aproximei, elas conversavam. Ao sentar junto delas, dona Angelina olhou forte bem dentro dos meus olhos, como se quisesse me reconhecer, como se houvesse me reconhecido, mas depois voltou o rosto de novo para dona Julieta. Eu não era quem ela esperava. A Angelina falava com a amiga sobre como iria fazer para telefonar, para poder voltar a sua casa:



– A empregada deve vir me buscar... não dá para eu ligar, o telefone de casa está mudo, e aqui elas não sabem o número de lá... Elas devem estar preocupadas comigo...

Julieta responde:

– Dá o número do telefone que a irmã liga, dá o número do telefone, Angelina!...

– Eu me arrependi de ter vindo... Não devia ter vindo, agora não tenho dinheiro para voltar. A empregada da minha casa é enjoada, ela quer mandar em tudo, mas a minha mãe trata elas muito bem, dá presente, mas ela quer mandar em tudo... Eu não avisei a minha família que estou aqui... A minha mãe é boa com as empregadas, ela sempre chega trazendo presentes, um vestido e já sabendo o número da roupa que elas vestem só de olhar e ela diz: “olha fulana o que eu comprei pra ti...” Elas ficavam alegres que só vendo. Lá em casa elas são tratadas como nós, sentam na mesa e tudo... Eu não quero dormi aqui... Como eu vou agora para minha casa? Estou ficando aflita...Aqui não dá lugar para todo mundo, onde eu vou dormir?

Julieta responde:

– Você vai dormir aqui, você dorme aqui, não lembra? Você dorme no meu quarto... Fica calma, você vai jantar uma sopa, depois você vai embora, a gente pede para a irmã telefonar...

E a Angelina volta a falar de novo:

– Mas eu estou preocupada, eles não sabem que estou aqui... Eu não quero dormir aqui... A minha mãe vai ficar preocupada, se eu não chegar... A minha irmã mais velha aprendeu a dançar... Dançava bonito

E ela continua:

– Eu preciso ir embora.. Não sabia que se viesse, ia ficar aqui... Estou com medo... Não sei o caminho de volta... Não sei voltar, não sei voltar... Vamos embora Julieta!... Na minha casa, cada uma de nós tem um quarto...

Dona Angelina e dona Julieta falam como se estivessem, ali, de passagem, como se tivessem vindo fazer uma visita e ficaram para o almoço, para o jantar, ficaram pelo resto de suas vidas. Lembram-se de quem foram, mas não de quem são hoje. Não sabem quando chegaram, nem a quanto tempo estão ali, muito menos, quanto tempo mais irão ficar. Devem, decerto, permanecer mais tempo do que fora previsto por elas mesmas, quando chegaram ao asilo.

Suas memórias vagueiam, rastreiam... Elas vão e vem nas suas lembranças sucessivas, transitam como se estivessem num labirinto. Em cada virada, surge um caminho. Um mesmo caminho... E retornam, porque nessa vida, que muitas vezes, é como um sonho, o que vale é lembrar, sempre que possível, sem uma ordenação sem uma



seqüência, sem um sentido. O tempo em que vivem é um tempo feito dos seus esquecimentos, não há mais espaço para tentar viver o que não foi vivido, mas reviver o que foi vivido como uma ‘nova experiência’, recriando outros caminhos para as lembranças – que sobraram - falsearem e escamotearem um final diferente do já conhecido. Um amor, um desencontro, uma espera, um desejo, uma vida... O que vale realmente é lembrar, lembrar. Esquecer é como a morte, pois tudo o que ficou gravado nos seus corpos ao longo de mais de oitenta anos será enterrado, sufocado, soterrado... São histórias que irão com elas e, as memórias que um dia foram, deixarão de ser...

Referências bibliográficas

BAITELLO, Norval. “Com os sonhos o homem alcança a imortalidade”, in www.cisc.org.br. São Paulo.1997.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*, Lisboa, Edições 70, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. Vol. I. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.

65

BYSTRINA, Ivan. “Tópicos de semiótica da cultura”. Pré-print. Aulas do prof. Ivan Bystrina. Cisc/PUC-SP. 1999.

CYRULNIK, Boris. *Os alimentos do afeto*. São Paulo, Editora Ática, 1995.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguindo de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2001.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo. Hucitec, 1985.

HILLMAN, James. *A força do caráter e a poética de uma vida longa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Uma fotografia desbotada: atitudes e rituais do luto e do objeto fotográfico*. João Pessoa, Coleção Cadernos GREM, nº02. Manufatura/GREM, 2002

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. (trad. Maria Silvia Mourão Netto). São Paulo, Summus Editorial, 1988.

SAMAIN, Etienne. “Um retorno à “Câmara Clara”. Roland Barthes e a antropologia Visual”, in *O fotográfico*. São Paulo, Hucitec, 1998.

SACKS, Oliver. *O homem que confundiu a mulher com um chapéu*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.



WULF, Christoph. “Imagem e Fantasia”, in www.cisc.org.br, São Paulo, 2002.

PERIÓDICOS

Revista Época ano IV. nº 188. dezembro de 2001

